

CLIPPING DE NOTÍCIAS

Título: Engenheiros defende uso do Sinapi para reduzir custo de obras públicas

Veículo: Amazonas Atual

Data: 12.09.18

Caderno: Economia

Página: On-line

Enfoque:
Positivo () Negativo () Neutro (X)

Link: <http://amazonasatual.com.br/engenheiros-defendem-uso-do-sinapi-para-reduzir-custo-de-obras-publicas/>

12 de setembro de 2018

Engenheiros defendem uso do Sinapi para reduzir custo de obras públicas



Obras públicas podem ter custo menor com comparação de preços de materiais (Foto: Pedro Ribas/ANPr/Fotos públicas)

Da Redação

MANAUS – Engenheiros e arquitetos defendem o uso do Sinapi (Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil) para reduzir custos de obras públicas. A defesa da ferramenta ocorreu nessa terça-feira, 11, em Manaus, no ‘Seminário sobre Revisão do Sinapi’. O sistema é gerenciado pela Caixa Econômica Federal. Responsáveis por orçamentos nos municípios podem adequar compras à realidade local, conforme está previsto no decreto presidencial 7.983, de 8 de abril de 2013.

De acordo com o arquiteto Mauro Castro, gerente-executivo do Sinapi, o sistema trabalha com valores coletados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) nas capitais ou regiões metropolitanas das capitais, sem considerar as variações de preços de insumos nas demais cidades de cada estado.

Em Estados como o Amazonas, onde os preços podem variar muito de município para município, o arquiteto sugeriu que os orçamentistas façam uma pesquisa de preços e informem no sistema. Como trata-se de orçamento para obras públicas, os profissionais devem procurar estabelecimentos comerciais regularizados junto ao poder público. “Em sendo a referência do Sinapi para a capital e, se este preço da capital não está adequado para um município no interior do Estado, que se faça um levantamento daqueles insumos que têm uma participação significativa no custo da obra, principalmente, junto ao mercado local”, destacou Mauro.

A engenheira civil Luciana Andrade, responsável pela Área de Orçamentos do Sindicato da Indústria da Construção Civil de Pernambuco (Sinduscon-PE), explicou que o orçamentista pode fazer as adequações necessárias no sistema, já que o Sinapi é uma ferramenta referência.

“Não esquecendo que um bom orçamento não é só feito de composições diretas, do que está presente nesse sistema de referência, mas também de custos indiretos, administração local, mobilização, desmobilização, frete, que não é previsto nos custos de insumos, ou seja, fazer a inserção de todos os custos adicionais que precisam estar presentes de acordo com a sua realidade, de acordo com a dificuldade de cada região”, disse.

Custos indiretos, segundo Luciana, são os que não estão diretamente relacionados à execução da obra. “O pedreiro, o servente, que vai executar a alvenaria está diretamente relacionado àquele custo. O tijolo, a argamassa processada estão diretamente relacionados aquele serviço, à execução da alvenaria, mas o engenheiro, que é necessário para gerir corretamente, para obter a produtividade, a qualidade do serviço que vai ser executado, também é fundamental para a execução para a boa entrega do equipamento público, com a qualidade necessária, dentro do prazo estipulado”, explicou.

Na avaliação do presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Amazonas (Sinduscon-AM), Frank Souza, o seminário em Manaus teve o objetivo de desmistificar a utilização da ferramenta. “Existia uma ideia de que o Sinapi era um preço fixado, era um preço que você tinha que seguir. Na realidade, se sabe que você pode interceder sobre isso, dependendo da sua realidade, das suas características”, disse.

CLIPPING DE NOTÍCIAS

Título: Indústria vê agenda de mudanças climáticas como oportunidade de desenvolvimento do país

Veículo: CBIC Hoje

Data: 11.09.18

Caderno: Newsletter

Página: On-line

Enfoque:
Positivo () Negativo () Neutro (X)

Link: https://cbic.org.br/wp-content/uploads/2018/09/CBIC-HOJE-11.09.2018.pdf#new_tab

Indústria vê agenda de mudanças climáticas como oportunidade de desenvolvimento do país



Propostas para o Brasil aproveitar as oportunidades da Contribuição Nacionalmente Determinada (NDC) ao Acordo de Paris, que prevê redução das emissões de gases do efeito estufa, estão no estudo Mudanças Climáticas: estratégias para a indústria. Elaborado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), o documento foi entregue às equipes dos candidatos à Presidência da República e traz 15 recomendações em sete temas: governança, financiamento, competitividade, energia, tecnologia e inovação, florestas e adaptação às mudanças climáticas.

Entre as proposições está a construção de um novo modelo de governança do clima em que o governo federal coordene de forma centralizada e integrada as iniciativas dessa agenda e busque a harmonia dos marcos regulatórios nas diferentes esferas de governo (municipal, estadual e federal). Além disso, defende o fortalecimento de mecanismos financeiros adequados às necessidades do setor industrial, o acesso facilitado ao crédito, principalmente a pequenas e médias empresas, e o desenvolvimento de parcerias internacionais para financiamento de iniciativas que estimulem a economia de baixo carbono.

“Essa agenda traz muitas oportunidades para o desenvolvimento econômico e social do Brasil, mas, para avançar, é preciso desenvolvermos novas alternativas para o acesso a recursos financeiros e eliminar barreiras ao desenvolvimento de novos negócios em baixo carbono”, destaca o gerente-executivo de Meio Ambiente e Sustentabilidade da CNI, Davi Bomtempo.

O setor industrial também propõe a revisão da Política Nacional sobre Mudança do Clima, para que se considere o conjunto da economia na redução de emissões e reconheça os esforços já realizados pela indústria.

CLIPPING DE NOTÍCIAS

Título: Drones são usados na construção civil

Veículo: R7

Data: 10.09.18

Caderno: Economia

Página: On-line

Enfoque:
Positivo () Negativo () Neutro (X)

Link: <https://noticias.r7.com/minas-gerais/balanco-geral-mg/videos/drones-sao-usados-na-construcao-civil-10092018>



Drones são usados na construção civil

BALANÇO GERAL MG

© 10/09/2018 - 16h13

A-

A+

Drones, que inicialmente eram usados em missões de espionagem, ganharam outras funções com o tempo. Agora, por exemplo, eles ajudam no setor da construção civil. A tecnologia tem sido utilizada no diagnóstico de problemas estruturais dos prédios. É o caso de um edifício tradicional em Belo Horizonte.

Tags: drones; construção civil; prédios

CLIPPING DE NOTÍCIAS

Título: Previsão na Focus para a Selic no fim de 2018 permanece em 6,50% ao ano

Veículo: UOL

Data: 10.09.18

Caderno: Economia

Página: On-line

Enfoque:
Positivo () Negativo () Neutro (X)

Link: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2018/09/10/previsao-na-focus-para-a-selic-no-fim-de-2018-permanece-em-650-ao-ano.htm>

Previsão na Focus para a Selic no fim de 2018 permanece em 6,50% ao ano

ESTADÃO conteúdo

Fabrizio de Castro
Brasília
10/09/2018 10h22

Os economistas do mercado financeiro mantiveram suas projeções para a Selic (a taxa básica de juros) para o fim de 2018 e de 2019. O Relatório de Mercado Focus trouxe nesta segunda-feira, 10, que a mediana das previsões para a Selic este ano seguiu em 6,50% ao ano. Há um mês, estava no mesmo patamar.

Já a projeção para a Selic em 2019 permaneceu em 8,00% ao ano, igual ao verificado há quatro semanas.

No caso de 2020, a projeção para a Selic seguiu em 8,00% e, para 2021, também permaneceu em 8,00%. Há um mês, os percentuais projetados eram de 8,00% para ambos os anos.

No início de agosto, o Comitê de Política Monetária (Copom) do BC anunciou a manutenção, pela terceira vez consecutiva, da Selic (a taxa básica de juros) em 6,50% ao ano.

Na última quinta-feira, 6, foi vez de o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) anunciar deflação de 0,09% em agosto. Com isso, a inflação no ano até agosto atingiu 2,83%. Em 12 meses, o IPCA subiu 3,64%.

Para o grupo dos analistas consultados que mais acertam as projeções (Top 5) de médio prazo, a mediana da taxa básica em 2018 seguiu em 6,50% ao ano, igual ao verificado um mês antes.

No caso de 2019, a projeção do Top 5 para a Selic foi de 7,75% para 7,63%, ante 7,63% de quatro semanas atrás. No caso de 2020, passou de 8,50% para 8,00% e, para 2021, também foi de 8,50% para 8,00%. Há um mês, estavam em 8,50% para 2020 e 2021.

CLIPPING DE NOTÍCIAS

Título: Custo da construção civil do AM tem leve queda em agosto, aponta IBGE

Veículo: G1

Data: 10.09.18

Caderno: Economia

Página: On-line

Enfoque:
Positivo () Negativo () Neutro (X)

Link: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2018/09/10/bndes-aprova-r-6-milhoes-para-fornecedor-eolico-rudloff-industrial.htm>

BNDES aprova R\$ 6 milhões para fornecedor eólico Rudloff Industrial



ESTADÃO *conteúdo*

Luciana Collet
São Paulo
10/09/2018 18h33

A diretoria do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) aprovou financiamento de R\$ 6 milhões para a Rudloff Industrial Ltda, indústria nacional de médio porte que produz componentes mecânicos para a construção civil. De acordo com o banco de fomento, os recursos serão aplicados na modernização da fábrica da empresa e no desenvolvimento de novos produtos para torres eólicas. Os investimentos totalizam R\$ 8,9 milhões e o empréstimo do BNDES corresponde a 68% desse valor.

O projeto de modernização consiste na compra de novas máquinas para modernizar a fábrica, localizada em São Paulo, e no desenvolvimento de uma gama de produtos para torres eólicas de concreto, tais como dispositivos de ancoragem, equipamentos internos e sistemas de aterramento. "Estão contempladas todas as etapas de desenvolvimento, desde a concepção até a certificação", explicou o BNDES.

Originalmente, a companhia atuava, desde 1960, no fornecimento de produtos e serviços de protensão (sustentação por meio de tensão no concreto) de estruturas, movimentação de cargas pesadas, emendas mecânicas de barras de aço e aparelhos de apoio para a construção civil. Posteriormente, a partir de 1985, passou a realizar serviços de usinagem, moldando peças de aço, aço carbono, aço inoxidável, alumínio, cobre e latão. Motivada pelo crescimento do setor de energia renovável, em 2016 a empresa entrou no segmento, fornecendo componentes metálicos e sistemas de protensão e aterramento para torres eólicas de concreto.

"Além de ampliar a competência técnica da empresa e possibilitar a diversificação de sua atuação, o apoio ao projeto contribuirá para a redução das importações e poderá favorecer as exportações brasileiras, já que as empresas fabricantes de torres e aerogeradores que demandam os produtos da Rudloff no Brasil têm atuação global", diz o BNDES.

CLIPPING DE NOTÍCIAS

Título: Incertezas levam a recorde de investidores no Tesouro Direto

Veículo: Estadão

Data: 10.09.18

Caderno: Economia

Página: On-line

Enfoque:
Positivo () Negativo () Neutro (X)

Link: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,incertezas-levam-a-recorde-de-investidores-no-tesouro-direto,70002495033>

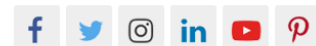
Incerteza levam a recorde de investidores no Tesouro Direto

Com cenário externo e interno penalizando a renda variável, número de cadastros no programa foi o maior desde 2002

Jéssica Alves, O Estado de S.Paulo
10 Setembro 2018 | 05h00

Diante de um **cenário político imprevisível** e um mercado volátil, os investidores partiram em peso para o **Tesouro Direto**. Em julho, foram 107 mil novos cadastros, a maior entrada em um mês desde o início do programa, em 2002 – e 27 mil acima do mês anterior. As pessoas também estão aplicando mais: foram 16 mil novos cadastros ativos ante 10 mil em junho. No total, já são mais de 2,3 milhões de cadastros no programa de compra e venda de títulos públicos, um aumento de 55,7% nos últimos 12 meses.

SIGA O ESTADÃO

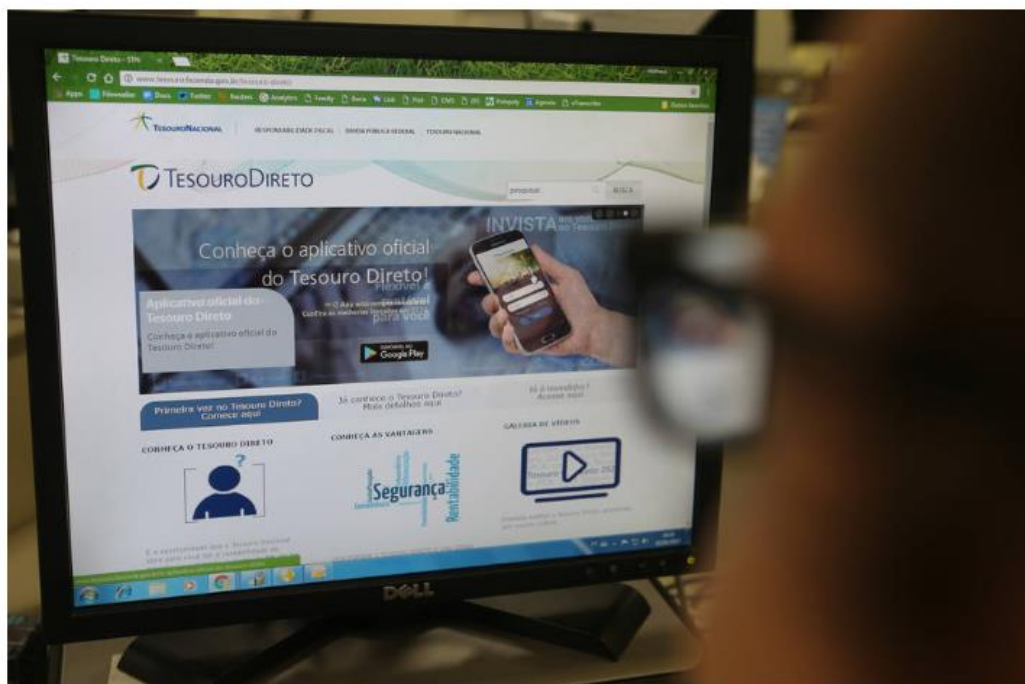


Cupons Estadão

PUBLICIDADE

Cupom Americanas
Até 10% de desconto em Smartphones!

Descontos Submarino
Notebooks com até 25% de desconto!



Em maio, Tesouro Direto suspendeu por várias vezes a negociação de títulos para proteger pequenos investidores das grandes variações nas taxas de juros Foto: Nilton Fukuda/Estadão

“Esse pode ser um novo patamar”, acredita Paulo Marques, gerente de relacionamento institucional do Tesouro. Segundo ele, as incertezas tanto no exterior quanto no mercado interno **tendem a levar as pessoas para aplicações menos arriscadas** – e, naturalmente, elas caem na renda fixa, a despeito dos juros em um patamar historicamente baixo.

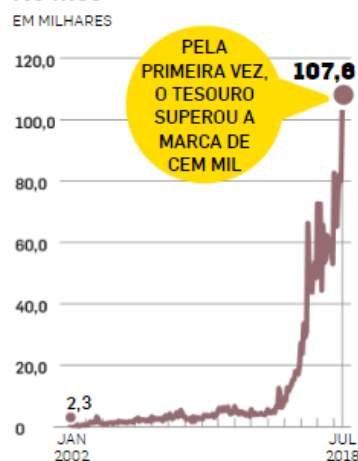
A guinada no Tesouro acontece em meio a um cenário que **penaliza a maioria dos investimentos considerados mais arriscados, como ações e fundos multimercado**, destaca o professor de Finanças do Coppead/UFRJ Carlos Heitor Campani. Ele lembra que junho, mês que antecedeu o recorde do Tesouro, a Bolsa acumulou perda de 5%, enquanto o dólar subiu 4%. “O medo leva as pessoas para o extremo oposto.”

A grande demanda pelo Tesouro Selic – 47% das vendas – reforça a tese de Campani. Esse título é considerado o mais seguro, pois acompanha a taxa básica de juros. Ele permite resgate a qualquer momento sem risco de perdas, uma vez que, independentemente do cenário, o investidor ganha o juro básico.

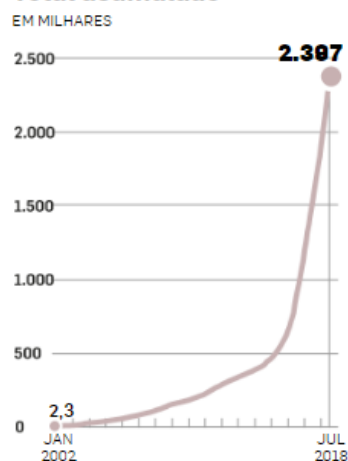
Queridinho

Incertezas e aversão ao risco levam investidores para o Tesouro Direto

Investidores cadastrados No mês



Total acumulado



Raio X

O Tesouro conta com 2,397 milhões de cadastros totais
Destes cadastros, **636.107** possuem **aplicações ativas**

O **Título** mais procurado é o **Tesouro Selic**

O **prazo** preferido dos investidores é entre **1 e 5 anos**

Maioria dos **investimentos** é de até **R\$ 1 mil**

Fonte: Tesouro Nacional

ESTADÃO

Olhando para os outros títulos, Marcos Piellusch, professor do Laboratório de Finanças da FIA, salienta que há bons retornos que chamam o investidor para essa aplicação. Para se ter uma ideia, o Tesouro IPCA+ 2024, está pagando uma taxa de 5,88% mais a variação da inflação. Outro exemplo é o título prefixado com vencimento em 2021, com taxa a 9,85%. Na comparação com produtos com taxa de administração maior do que 0,5% ao ano (custo médio da taxa de custódia do Tesouro mais o Imposto de Renda), tratam-se de bons rendimentos para aplicações de baixíssimo risco, diz.

Esses títulos, contudo, sofrem com a marcação a mercado – atualização do preço do ativo. Ou seja: se o investidor quiser se desfazer do títulos antes do prazo, está sujeito a uma nova taxa, que pode ser maior ou menor que a inicial. Se levar até o vencimento, não terá surpresas e receberá a taxa contratada.

Além do cenário atual, Myrian Lund, pesquisadora do Ibre-FGV e planejadora financeira, destaca que a educação financeira também é um dos motivos para o recorde. Ela acredita que esse perfil de investidor – que faz aportes baixos e olha para o curto prazo – não está tão atento à conjuntura, mas sim a alternativas à poupança, e o Tesouro é a porta de entrada. Hoje, a caderneta está em desvantagem, pois paga 70% da Selic. O Tesouro Selic 2023 daria, por exemplo, um retorno líquido de 6,38% ao ano; já a poupança, de 5,5%.

Como escolher os tipos de títulos do Tesouro?

Tesouro Selic

Título cuja rentabilidade segue a variação da Selic. É considerado o título mais conservador pois, independentemente do cenário, o investidor ganhará o juro básico. É indicado para aqueles que buscam baixa volatilidade, evitando, assim, perdas no caso de uma venda antecipada.

Tesouro Prefixado

Neste papel, a taxa de juros é fixa, ou seja, já na compra o investidor sabe quanto receberá de rentabilidade. Ele é indicado para o investidor que acredita que a taxa prefixada será maior que a taxa básica de juros (Selic).

Tesouro IPCA

Paga um juro fixo conhecido já no momento da compra (parte prefixada) mais a variação da inflação. Por proteger o poder de compra do investidor, é indicado para quem quer fazer poupança de médio e longo prazos, inclusive para aposentadoria.

CLIPPING DE NOTÍCIAS

Título: Indústria registra alta acima da média nacional

Veículo: Em Tempo

Data: 12.09.18

Caderno: Economia

Página: 07

Enfoque:
Positivo () Negativo () Neutro (X)

JULHO

Indústria registra alta acima da média nacional

O crescimento industrial do Amazonas ocupou o quarto lugar na lista de Estados pesquisados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre junho e julho de 2018. A alta registrada foi de 2,5%, e o destaque foi para o setor de bebidas (43,30%) e fabricação de outros equipamentos de transporte (35,4%).

Na comparação com o mês anterior, em julho, o setor apresentou crescimento de 7,6%, no acumulado do ano. O aumento foi de 14,1% em comparação com o mesmo período do ano passado. Em 12 meses, o acumulado foi de 11,3%. Já os setores com queda no fechamento do primeiro semestre foram o de fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (24,10%), fabricação de

máquinas e equipamentos (23,10%) e fabricação de produtos de borracha e material plástico (21,60%).

Dos 15 locais pesquisados pelo IBGE, oito apresentaram queda entre os meses de junho e julho, as maiores quedas foram nos Estados de Goiás (2,1%), Paraná (1,3%), São Paulo (1,1%) e Minas Gerais (1%). Além desses, os estados do Mato Grosso (0,9%) e Rio de Janeiro (0,3%) sofreram queda acima da média nacional, de 0,2%.

Além do Amazonas, Espírito Santo (5,8%), Rio Grande do Sul (4,6%), Pará (2,7%), Santa Catarina (1,9%) e Bahia (1%) registraram crescimento industrial.

Para o vice-presidente da Federação da Indústria do Estado do Amazo-

nas (Fieam), Nelson Azevedo, o resultado da pesquisa mostra cada vez mais que o Amazonas está acompanhando o ritmo da indústria nacional. O bom desempenho durante os meses de recuperação confirma que 2018 está sendo um ano melhor que os últimos três.

"Ainda não podemos falar em crescimento e, sim, recuperação. Ainda estamos sofrendo com resquícios da crise econômica dos últimos anos e com a greve dos caminhoneiros, que desabasteceu o país. Mesmo que o Polo Industrial de Manaus (PIM) não tenha sido afetado diretamente pela greve de maio, a produção dele é responsável por grande parte do abastecimento interno do país", declarou.

CLIPPING DE NOTÍCIAS

Título: Infraestrutura 'encolhe' R\$ 40 bilhões em dois anos

Veículo: CBIC Hoje

Data: 11.09.18

Caderno: Newsletter

Página: On-line

Enfoque:
Positivo () Negativo () Neutro (X)

Link: https://cbic.org.br/wp-content/uploads/2018/09/CBIC-HOJE-11.09.2018.pdf#new_tab

Infraestrutura 'encolhe' R\$ 40 bilhões em dois anos



Foto: Bocão News

Em 2017 e 2018, a infraestrutura brasileira encolheu cerca de R\$ 40 bilhões, o que equivale a quatro linhas de metrô, como a linha lilás paulistana ou a linha 4 amarela carioca, com custos entre R\$ 8 bilhões e R\$ 10 bilhões, respectivamente. A perda acontece porque os investimentos feitos em 2017 e previstos para 2018 não são suficientes para compensar a depreciação da infraestrutura que já existe.

Em 2017, foram aplicados em transporte, energia, telecomunicações e saneamento R\$ 110,7 bilhões, ou 1,69% do Produto Interno Bruto (PIB), parcela menor do que o 1,95% de 2016. Neste ano, o investimento deve ficar em 1,7% do PIB.

No período, os equipamentos de infraestrutura se desgastaram, em uma taxa estimada pela consultoria Inter.B. em 2,38% do PIB. Como o desgaste está sendo maior do que reposição, melhoria e construção, as instalações no País perderam valor: eram 36,2% do PIB em 2016 e devem fechar 2018 em 35,6% do PIB. Nesse ritmo, a consultoria calcula que o Brasil só conseguiria prover infraestrutura básica para toda a população apenas em

2076. Para encurtar a tarefa à metade, seria preciso investir 4% do PIB por 24 anos consecutivos. **Clique aqui** para cessar a matéria.

(Com informações da Folha de S.Paulo)

CLIPPING DE NOTÍCIAS

Título: Mercado imobiliário cresce no primeiro semestre de 2018, diz CBIC

Veículo: AEC web

Data: 10.09.18

Caderno: Economia

Página: On-line

Enfoque:
Positivo () Negativo () Neutro (X)

Link: https://www.aecweb.com.br/cont/n/mercado-imobiliario-cresce-no-primeiro-semester-de-2018-diz-cbic_17891

Mercado imobiliário cresce no primeiro semestre de 2018, diz CBIC

Texto: Yuri Soares

Estudo realizado pela entidade revela que a quantidade de imóveis lançados e vendidos no segundo trimestre do ano teve crescimento considerável



Previsão indica que o final do ano terá melhor performance do mercado imobiliário (Créditos: Shutterstock/SNEHIT)

10/09/2018 | 16:41 - De acordo com a pesquisa de indicadores imobiliários da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), realizada em parceria com o Senai Nacional, a quantidade de lançamentos e vendas de **imóveis residenciais** cresceu consideravelmente no segundo trimestre de 2018.

Na comparação com o trimestre anterior, o número de vendas teve alta de 17,3%, com 29.951 unidades comercializadas. Frente ao mesmo período do ano passado, o aumento foi de 32,1% –o que, segundo o CBIC, indica uma nítida melhora do mercado imobiliário no agregado de 2018.

Em relação aos lançamentos, os valores foram ainda mais expressivos. O número de unidades lançadas chegou a 25.485, aumento de 119,7% em relação ao trimestre anterior, e de 19,9% face ao mesmo trimestre de 2017. Para o CBIC, estes “dados apontam que não apenas há uma recuperação no ano, mas também um incremento relativo ao mesmo período, o que significa, malgrado o humor do mercado, um primeiro semestre de 2018 com mais atividade no setor.”

O estoque de imóveis disponíveis, por sua vez, registrou queda de -1,1% (124.715 unidades) comparando ao trimestre anterior. Em relação ao segundo trimestre do ano passado, houve queda de 14,35%. A pesquisa aponta que a redução mais tímida do estoque é resultado do grande acréscimo de unidades lançadas, em proporção maior do que as vendas no período.

O CBIC explica ainda que os resultados positivos do primeiro semestre de 2018, indicam, possivelmente, um fechamento do ano com melhor performance para o mercado imobiliário, mas que o aspecto da variável eleitoral pode afetar esse desempenho.

Para saber mais das últimas notícias do mercado imobiliário, acesse:

[Crédito imobiliário com recursos da poupança cai 10,3% em julho](#)

[Vendas e lançamentos imobiliários crescem no primeiro semestre](#)

[IGP-M sobe 0,7% e já atinge 6,66% na somatória geral neste ano](#)

CLIPPING DE NOTÍCIAS

Título: Santander reduz de 2% para 1,5% projeção para o crescimento do PIB deste ano

Veículo: G1

Data: 12.09.18

Caderno: Economia

Página: On-line

Enfoque:
Positivo () Negativo () Neutro (X)

Link: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/09/12/santander-reduz-de-2-para-15-projecao-para-o-crescimento-do-pib-deste-ano.ghtml>

Santander reduz de 2% para 1,5% projeção para o crescimento do PIB deste ano

Dos três grandes privados do país, o Santander é o último a levar a projeção de crescimento para um patamar mais baixo neste ano.



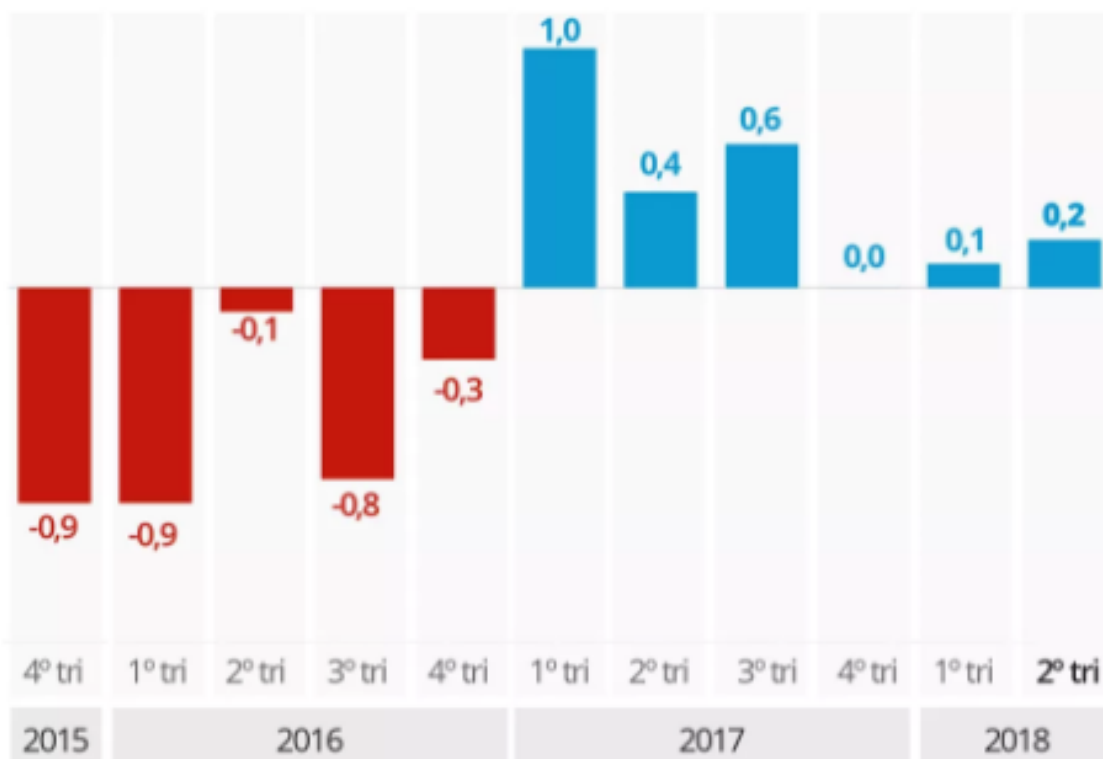
Por Luiz Guilherme Gerbelli, G1
12/09/2018 12h17 - Atualizado há 55 minutos

O banco **Santander** reduziu nesta quarta-feira (11) a projeção para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil deste ano de 2% para 1,5%. A revisão tem com base os sinais de fraqueza da economia diante do nível de baixa de confiança de consumidores e empresários depois da paralisação dos caminhoneiros em maio.

No final de agosto, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informou que **o PIB brasileiro cresceu 0,2% no segundo trimestre**, indicando uma **recuperação ainda lenta da economia**.

VARIAÇÃO TRIMESTRAL DO PIB BRASILEIRO

Em %, contra o trimestre anterior



FONTE: IBGE



Infográfico elaborado em: 31/08/2018

Variação do PIB trimestral brasileiro — Foto: Karina Almeida/Arte G1

“A paralisação do setor de transporte impactou a confiança seja do consumidor e do empresário, o que leva a uma postergação da decisão de consumo e investimento”, afirma a economista do banco Santander Tatiana Pinheiro. “Os dados do final do segundo trimestre e agora do início do terceiro trimestre indicam que este efeito está sendo um pouco mais forte do que imaginávamos.”

Dos três grandes privados do país, o Santander é o último a levar a projeção de crescimento para um patamar mais baixo neste ano. O **Itaú** estima avanço da economia de apenas 1,3%, e o Bradesco trabalha com alta de 1,1%.

Para 2019, o Santander manteve a projeção de alta do PIB em 3,2%. No cenário do banco, passada a eleição presidencial, a discussão vai se voltar para as medidas de ajuste fiscal, o que deve ajudar a manter um crescimento mais robusto no fim do ano que vem.

“Em novembro e dezembro, a discussão deve ser completamente outra. Vais ser olhando para a agenda de ajuste fiscal do ano que vem e a perspectiva vai ser positiva”, diz Tatiana.



CLIPPING DE NOTÍCIAS

Título: CNI diz que ainda é cedo para notar efeito da alta do dólar nas exportações

Veículo: G1

Data: 10.09.18

Caderno: Economia

Página: On-line

Enfoque:
Positivo () Negativo () Neutro (X)

Link: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/09/12/cni-avalia-que-ainda-e-cedo-para-notar-efeito-da-alta-do-dolar-nas-exportacoes.ghtml>

CNI diz que ainda é cedo para notar efeito da alta do dólar nas exportações

Com valorização da moeda norte-americana, exportadores recebem mais pelas vendas. Participação das exportações na produção se manteve estável em 12 meses até junho.



Por **Alexandro Martello**, G1, Brasília
12/09/2018 10h47 - Atualizado há 1 hora



Porto de Santos, em São Paulo, movimentou 129 milhões de toneladas de cargas em 2017 e atingiu recorde anual — Foto: José Claudio Pimentel/G1

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) avaliou que ainda é cedo para se notar o efeito da **alta do dólar** nas exportações brasileiras. A avaliação consta no documento "Coeficientes de Abertura Comercial", divulgado nesta quarta-feira (12). O dólar fechou em alta nesta terça-feira (11) e chegou a bater **R\$ 4,17**.

Com a moeda norte-americana mais valorizada, os exportadores recebem mais nas suas vendas para outros países, representando um estímulo às exportações. A entidade observou que o real se depreciou 10,6% comparando o acumulado em 12 meses até junho de 2018, com igual período anterior.

De acordo com a CNI, a alta do dólar é resultado de incertezas tanto no plano externo, como a política de elevação dos juros nos Estados Unidos, como no ambiente doméstico – marcado pela "lenta recuperação da confiança de empresários e consumidores e pelo quadro político indeterminado".

"A Argentina, importante parceiro comercial do Brasil de bens manufaturados, é uma das economias mais afetadas, o que traz pressões adicionais sobre a recuperação das exportações brasileiras", acrescentou a entidade.

Diante desse cenário, a Confederação Nacional da Indústria informou que o chamado "coeficiente de exportação", que mede a participação das exportações na produção, ficou estável em 15,7% no acumulado em 12 meses de junho de 2018.

A entidade também informou que o "coeficiente de penetração das importações", que mede a parcela de importados no consumo dos brasileiros, cresceu para 17,5% em doze meses até junho, contra 17,1% em 2017.

"O real depreciado desestimula importações, que se tornam mais caras, mas ainda é cedo para esse efeito ser sentido pelas quantidades importadas", acrescentou a CNI.

De acordo com a Confederação Nacional da Indústria, a alta do coeficiente de penetração das importações ainda reflete a apreciação do real (queda do dólar) em 2016 e 2017, "bem como a recuperação, mesmo que frágil, da demanda doméstica".

Mais notícias

CBIC Hoje

[CBIC Hoje NEWSLETTER 11/09/2018 / EDIÇÃO 6147](#)

Agência Brasil

[Inflação do aluguel sobe e é de 9,24% em 12 meses](#)

EXAME

[Fundo imobiliário bate recorde de cotistas. Vale a pena?](#)

AGENDA

SETEMBRO

20 – I Seminário - Questão Social e Ambiental na Engenharia e Arquitetura



I Seminário - Questão Social e Ambiental na Engenharia e Arquitetura

Objetivo: apresentar aos profissionais de engenharia e arquitetura que atuam na elaboração de projetos, execução de obras, tecnologias industriais e agrícolas a questão social e ambiental, bem como suas certificações.

- DIA: 20.09 ÀS 19:00
- LOCAL: AUDITÓRIO CETAM - DOM PEDRO I - MANAUS- AM
- FACILITADOR: SR. TAKASHI YAMAUCHI (MEMBRO ISO E ABNT)

PARTICIPE É GRATUITO!

PATROCÍNIO

+Babbel

REALIZAÇÃO



APOIO



SINDUSCON-AM - Sindicato da Indústria da Construção Civil do Amazonas | Av. Djalma Batista, nº 1719, andar 7, sala 709/710, Edifício Atlantic Tower - CEP 69.050-010